



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FABIANO FERREIRA DE SOUSA

**POR TRÁS DO GOL: A CONCORRÊNCIA ENTRE RÁDIO E TV NO FUTEBOL DO
SERTÃO PARAIBANO**

JOÃO PESSOA

2016

FABIANO FERREIRA DE SOUSA

**POR TRÁS DO GOL: A CONCORRÊNCIA ENTRE RÁDIO E TV NO FUTEBOL DO
SERTÃO PARAIBANO**

Relatório final do vídeo documentário Por Trás do Gol: a concorrência entre rádio e TV no futebol do sertão paraibano, apresentado à Universidade Federal da Paraíba em cumprimento as exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Edônio Alves Nascimento

JOÃO PESSOA

2016

FABIANO FERREIRA DE SOUSA

**POR TRÁS DO GOL: A CONCORRÊNCIA ENTRE RÁDIO E TV NO FUTEBOL DO
SERTÃO PARAIBANO**

Orientador: Professor Dr. Edônio Alves Nascimento

Banca examinadora:

_____ **Nota:** _____

Professor Dr. Edônio Alves do Nascimento

_____ **Nota:** _____

Professor Mestre Arthur Fernandes Andrade Lins

_____ **Nota:** _____

Professor Mestre Waldelio Pinheiro do Nascimento Junior

Média final: _____

Aprovada em ____ de Junho de 2016

Dedico à minha família, por acreditar em mim.
Mãe, seu cuidado e dedicação me deram
esperança para seguir. Pai, sua presença
espiritual significou segurança e certeza de que
não estive sozinho nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Por Fabiano Ferreira de Sousa

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por acolher aos meus apelos, e principalmente, por me conduzir a enfrentar e vencer todos os obstáculos durante a trajetória da graduação;

Aos meus familiares por terem acreditado em mim e me incentivado no meu projeto pessoal, desde a minha aprovação no vestibular até a chegada da fase final de conclusão do curso;

Agradecer em especial aos meus pais José Pedro de Sousa (*In memoriam*) e Onezia Ferreira de Sousa, pelo apoio incondicional e por sempre acreditarem no meu potencial;

Aos meus irmãos Luciano Ferreira, Luzenira Ferreira, Maria Ediraildes, Maria Ediranides e Elionilda Ferreira, pois cada um do seu modo contribuiu para que eu chegasse até este momento;

Aos meus colegas que fizeram com que esses quatro anos na universidade passassem de forma mais divertida, cheia de sorrisos e companheirismo;

Aos meus professores, responsáveis por este momento ímpar, em especial ao meu orientador Edônio Alves, por todo o suporte oferecido;

Estendo o meu agradecimento aos amigos Cleuton Sousa, responsável pelo acolhimento em João Pessoa durante todo o processo da minha trajetória acadêmica; Geri Júnior pelo apoio moral nos momentos de aflição, por fim, agradeço a Felipe Elias, Junior Alves, Thiago Marques, Alfredo Amaral, Eugênio Rodrigues, Wellington Ferreira, Francisco Alves Tatico, João Hélio, Ivonisio Inácio, Adelmo Vieira, Reudesman Lopes, Chiquinho Cicupira e Petson Santos, pessoas de extrema importância na realização deste projeto.

Nossa maior fraqueza está em desistir. O caminho mais certo de vencer é tentar mais uma vez. (THOMAS EDISON)

RESUMO

O documentário “Por Trás do Gol: a concorrência entre rádio e tv no futebol do sertão paraibano”, aborda o cotidiano de profissionais do rádio esportivo sertanejo, apresentando os desafios da atuação na jornada esportiva, sobretudo, a discussão da problematização referente a briga pela audiência entre os profissionais do rádio em relação a atuação das emissoras de Tv’s em jogos envolvendo as equipes de futebol do sertão paraibano e os caminhos para a utilização da mídia como fortalecimento e evidencia do futebol local. O trabalho documenta, através de vídeo, os detalhes das transmissões das jornadas esportivas, a ligação do profissional com o rádio e a relação do torcedor com as rádios locais. O material audiovisual foi colhido por meio de depoimentos de profissionais do rádio e da TV e os torcedores ouvintes, personagens fundamentais, para a s dessa narrativa sobre o futebol e os meios de comunicação que dão suporte as cidades do interior da Paraíba.

PALAVRAS CHAVES: Rádio, Televisão, Futebol.

ABSTRACT

The documentary "Behind the Goal: competition between radio and TV in the Paraíba backlands football," addresses the professional daily sports radio backcountry, with the challenges of performance in sports journey, above all, discussion about it in the questioning relating to the fight for audience among professionals of the radio regarding the performance of TV's stations in games involving soccer teams of Paraíba backlands and the ways to use the media as strengthening and evidence of local football. The work documents, through video, the details of the broadcasts of sports days, professional connection with radio and fan's relationship with local radio. The audiovisual material was collected through interviews of radio and TV professionals and listeners fans, key characters, for this s narrative about football and the media that support the cities in the interior of Paraíba.

KEYWORDS: Radio, TV, Football.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	9
2 INTRODUÇÃO	10
3 JUSTIFICATIVA	12
4 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	13
4.1 Documentário.....	13
4.1.1 Tipos de Documentários	14
4.2. 2 O Documentário na Paraíba.....	15
4.3 O Futebol e o Jornalismo Esportivo no Brasil.....	16
4.4 O Futebol pelo Rádio.....	18
4.5 O Rádio Esportivo na Paraíba.....	19
4.6 O Futebol na Televisão Brasileira.....	20
4.7 O Futebol na Televisão Paraibana.....	22
5 PROCEDIMENTOS REALIZADOS	23
5.1 Pré-produção	23
5.2 Produção.....	23
5.3 Pós-produção.....	25
6 CRONOGRAMA	26
8 CONSIDAREÇÕES FINAIS	27
9 REFERÊNCIAS	29
10 ANEXOS	31
11 APÊNDICES	35

1 APRESENTAÇÃO

Este relatório final aborda o desenvolvimento do documentário audiovisual “Por Trás do Gol: a concorrência entre rádio e TV no futebol do sertão paraibano” sob a exigência da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Serão apresentados os detalhes das etapas de construção do trabalho, desde a pesquisa exploratória até a conclusão final.

O material para a produção do trabalho foi colhido no decorrer da edição do campeonato paraibano de futebol 2016, nas cidades de Sousa e Cajazeiras. Ouvintes e profissionais do rádio e da televisão abordam o contexto que envolve as transmissões das jornadas esportivas do futebol local.

O documentário propõe um mergulho na realidade das transmissões de futebol no sertão paraibano, levando em consideração os desafios da narração esportiva do futebol local na disputa pela concorrência com a televisão.

2 INTRODUÇÃO

O rádio transmite palavras, e são os profissionais que trabalham nele que tem o desafio de criar imagens, transmitir emoções e utilidade pública ao ouvinte. É no esporte mais popular do Brasil que o rádio se destaca; sua cumplicidade com o futebol é tanta que não apenas os jogadores viram ídolos, mas muitos locutores esportivos também consolidam uma trajetória de fama.

O rádio levou a emoção dos gramados para o público que não estava nos estádios e também para o torcedor que via tudo ao vivo. Não é à toa que os grandes ídolos nacionais ganham destaque através da narrativa radiofônica e muitos torcedores vão ao estádio ouvindo o rádio, ou assistem pela televisão com o áudio do rádio. (GUERRA; RANGEL, 2012, p. 18).

O jogo transmitido pelo rádio é um espetáculo à parte capaz de conquistar não apenas a paixão do ouvinte, e neste sentido, Ribeiro (2007, p. 89) diz que o rádio fascina profissionais, jogadores e dirigentes:

O rádio não fascinava apenas os profissionais que queriam praticar a arte do jornalismo. Jogadores e dirigentes sabiam que o novo veículo de comunicação seria um importante instrumento de divulgação de suas próprias conquistas e realizações.

Porém, as transmissões de jogos de futebol das principais equipes do Brasil, nas competições nacionais e internacionais mostradas na televisão aberta e fechada, se tornou o principal concorrente do rádio. “O rádio continua muito à frente nas emoções nas transmissões do jogo, mas com a TV, o rádio está se reinventando, porém, por mais inovações que a TV apresente, o rádio sempre terá seu público” (SOARES, 1999, p. 109).

O presente trabalho buscou discutir com profissionais do rádio esportivo do sertão paraibano, a realidade das transmissões do futebol local e entender como eles enfrentam a concorrência com a televisão. A partir deste tema e da problemática levantada, tem-se como objetivo geral saber como os profissionais utilizam a força do rádio para confrontar a audiência da televisão.

Para melhor compreensão, o trabalho está organizado através de tópicos, onde se aborda assuntos referentes a essa problemática. Inicialmente apresentam-se o perfil dos profissionais do rádio, em seguida, a chegada da televisão nas transmissões do futebol local, seguindo com o debate sobre a concorrência com

televisão, na sequencia entra o tópico à respeito da fidelidade dos ouvintes do rádio, e por fim, o panorama sobre a força do rádio no sertão paraibano.

3 JUSTIFICATIVA

Apesar do avanço das novas mídias e da expansão da internet, o rádio continua sendo um dos principais veículos de comunicação. Devido a capacidade que as pessoas têm em ouvir a mensagem falada, o rádio pode ser considerado o veículo mais popular e o de maior alcance do público. Como afirma Lima (2001, p. 33), “O rádio é o mais popular e democrático dos veículos de comunicação de massa, justamente por sua penetração atingindo a todo e qualquer cidadão”.

Rádio e futebol se completam, se o rádio ajudou o futebol a se tornar o esporte mais popular do país, o futebol tornou o rádio o maior veículo de comunicação do país. (DIAS, 2011).

No sertão da Paraíba, o rádio também é considerado o maior veículo de transmissão no futebol, porém, nas últimas duas edições do campeonato paraibano de futebol, por exemplo, o canal de TV “Esporte Interativo”, tem transmitido os jogos envolvendo equipes do sertão paraibano. Outro canal que também transmite o certame é a TV Diário do Sertão; essa, uma emissora de TV na plataforma online, localizada na cidade de Cajazeiras.

Diante essa situação, o desafio das transmissões radiofônicas no futebol é apostar na construção do imaginário e levar emoção ao ouvinte, para manter viva a sua participação no cotidiano do futebol do Brasil, e no caso, do futebol paraibano.

Portando, justifica-se a importância desse trabalho por apresentar as alternativas utilizadas pelos profissionais do rádio esportivo no sertão da Paraíba mesmo tendo concorrência com a televisão, nas transmissões do futebol local.

Do ponto de vista prático, espera-se que o trabalho contribua para o conhecimento da prática do jornalismo esportivo do sertão paraibano, bem como, para o registro da atuação dos personagens que constroem a história da narração esportiva do sertão da Paraíba.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Documentário

O primeiro registro do gênero documentário ocorreu quando os irmãos empresários e cineastas, Auguste e Louis Lumière, realizaram em imagens a primeira produção cinematográfica, em 28 de dezembro de 1895, no Grand Café Paris, ao registrarem um grupo de funcionários deixando as instalações do prédio onde funcionava a empresa da família.

Porém, o gênero audiovisual que se conhece hoje como documentário surgiu com os filmes de Robert Flaherty, nos anos de 1920, com a criação do primeiro filme de não ficção, *Nanook; o esquimó*, em 1922, nome originado após a terceira visita do cineasta a uma comunidade de esquimós, no norte do Canadá (LUCENA, 2012).

O cineasta escocês, John Grierson (apud LUCENA, 2012, p. 11) definiu o documentário como “tratamento criativo da realidade (ou atualidade, para alguns) [...] cabendo ao documentário (e ao documentarista) desenvolver o tratamento criativo da realidade, mesmo que ela inclua a reconstrução de determinado acontecimento...” definição que reconhecemos como a mais adequada ao conceito de documentário com o qual trabalhamos neste caso.

A definição de documentário é sempre comparativa, ou seja, há conceitos diferentes de documentário como gênero e podemos perceber que um dos principais pontos é que não há um consenso sobre quais são as suas características. Gauthier (2011, p.19) afirma que “o documentário não é um gênero”, Labaki (2010) compartilha de um conceito singular, a partir da conclusão de não diferenciar o chamado filme de ficção do filme documentário.

Seguindo outra linha de pensamento, o crítico de cinema americano, Nichols, defende que todos os filmes são documentários. Segundo o crítico:

Todo filme é um documentário. Mesmo a mais atraente das ficções evidencia a cultura que produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filme: (1) documentários de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social. (NICHOLS, 2005, p. 26).

Lucena (2005, p.10) ainda é mais claro ao diferenciar o filme documental do filme de ficção. Segundo ele, “o filme documental é visto é como um ato

cinematográfico que registra o que acontece no mundo real [...]; já o filme de ficção é associado à construção de uma história, ao mundo imaginário, ficcional”.

Concordamos com (NICHOLS, 2005, p. 48) quando ele fala que podemos chamar o documentário de “conceito vago”, considerando a classificação dos filmes sobre várias características, a partir da afirmação de que “documentário é o que poderíamos chamar de conceito vago. Nem todos os filmes classificados como documentários se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transportes são todos considerados veículos”

Com base nas diferentes linhas de pensamento é possível compreender e definir o documentário como um gênero cinematográfico específico que possui características próprias. Dessa forma, não concordamos com (GAUTHIER, 2011, p. 19) quando ele diz que “o documentário não é um gênero e ignoramos a conclusão de Labaki (2010), que diz não diferenciar o chamado filme de ficção do filme documentário.

4.1.1 Tipos de Documentários

Para caracterizar os tipos de documentários, (NICHOLS, 2005) defende que cada um tem uma voz própria, ou seja, uma maneira particular de relatar as coisas do mundo.

Dessa forma, o autor afirma que:

Os documentários não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam apenas de um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos. A prática do comentário é uma arena onde as coisas mudam. (NICHOLS, 2005, p. 48).

Para ele, existem seis tipos principais de documentários: poético, expositivo, participativo, reflexivo, observativo e performático.

Modo poético: enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal [...]; modo expositivo: enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa [...]; modo observativo: enfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta [...]; modo participativo: enfatiza a interação de cineastas e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto [...]; modo reflexivo; chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme [...]; modo

performático: enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com o seu tema e a receptividade do público a essa engajamento. Rejeita ideias de objetividade em favor de evocações e afetos. (NICHOLS, 2005, p. 62).

Partindo do conceito do modo observativo – onde o documentarista busca captar a realidade tal como acontece, optamos, neste trabalho, por esse modo, pois o material colhido aborda um conjunto de capacitação de imagens audiovisuais, com o objetivo de apresentar as situações da realidade dos profissionais da crônica esportiva do sertão paraibano.

A escolha por esse tipo de documentário foi em função da representação social (não-ficcional), por meio da reprodução do contexto real narrado pelos próprios personagens, a fim mostrar de como o radialismo esportivo no sertão da Paraíba enfrenta a concorrência com a televisão, na cobertura do futebol profissional local.

4.1.2 O documentário na Paraíba

A Paraíba estabelece uma importante relação com o documentário no cinema brasileiro, já a partir do início do ano de 1920, desde o pioneirismo de Walfredo Rodrigues, passando pelo ciclo do documentário paraibano (1959 a 1979), cujo início se deu com *Aruanda* até chegar a produção dos dias atuais, (HOLANDA, 2008).

As primeiras produções cinematográficas na Paraíba aconteceram na Festa das Neves, no ano de 1917. Walfredo Rodrigues produziu, em 1918, o documentário “Carnaval paraibano e pernambucano”, e em 1919 outra produção de sua autoria “Sob o céu nordestino”, se tornou um clássico.

Sua maior façanha foi ter feito o primeiro longa-metragem do estado, o documentário *Sob o céu nordestino*, que durou quatro anos para ser finalizado, o que ocorreu em 1928, sendo produzido pela Nordeste Filmes, empresa que criava em João Pessoa. Esse filme, segundo o próprio autor, foi exibido em todo o interior da Paraíba e em Fortaleza, fazendo muito sucesso. (HOLANDA, 2008, p. 133).

Em 1960, *Aruanda*, de Linduarte Noronha, colocou a Paraíba no mapa do cinema brasileiro. Depois dele seguiram outros documentos, que formam o chamado ciclo do cinema paraibano.

Afirmar que o filme *Aruanda*, do cineasta Linduarte de Noronha, colocou a paraíba no mapa do cinema, é reconhecer a relevância de uma produção audiovisual realizada no nordeste no início da década de 1960, que foi precursora do cinema direto [...] (FALCONE; AMORIM, 2013, p. 13).

Nas duas décadas seguintes, iniciativas isoladas e o trabalho articulados de realizadores e da Universidade Feral da Paraíba resultaram na formação de acervo de filmes nas bitolas super-8 e 16mm, que acabaram depositados no Núcleo de Documentação Cinematográfica – NUDOC, criado no instituição, (FALCONE; AMORIM, 2013).

O NUDOC surgiu em 1980, graças a um convênio estabelecido entre a Universidade Federal da Paraíba e Associação Balafon, de Paris.

O convenio previa a implantação de um ateliê de Cinema Direto em João Pessoa e o estágio dos alunos locais na capital francesa [...]. O projeto, que tinha a sua frente o diretor do Comitê de Filme Etnográfico da França, Jean Rouch, consistia na aquisição de um sistema completo de produção em bitola super-8. A proposta acabou por dividir os cineastas locais, que acreditavam que as metas estabelecidas por Rouch divergiam das propostas traçadas pela geração documentaristas dos anos 60. Eles viam no NUDOC a possibilidade da retomada da produção em bitolas mais profissionais. (SOUSA, apud HOLLANDA, 2008, p. 140).

A criação do NUDOC contribuiu para o surgimento de novos nomes que se destacam na produção cinematográfica paraibana, a exemplo de Marcus Villar, (*24 Horas*, 1986); Torquato Joel (*Itacoatiara – A Pedra no Caminho*, 1987); Vânia Perazzo (*Palácio do Riso*, 1989); Elisa Maria Cabral (*Com Passos de Moenda*, 2001) e Bertrand Lira (*Bom dia, Maria de Nazaré*, 2003). (HOLLANDA, 2008).

Portanto, é possível afirmar que o documentário paraibano apresenta um cenário de qualidade na produção audiovisual. “O cinema paraibano tem sido um cinema documental, por excelência, constantemente a cultura popular como tema central” (LEAL, 2007, p. 40, vol 2).

4.3 O Futebol e o Jornalismo Esportivo no Brasil

Quando o esportista brasileiro, Charles Miller, em novembro de 1894, voltava da Inglaterra (onde havia estudado), trazia para o Brasil a vontade de praticar o esporte que tanto admirava, o futebol, porém, essa modalidade esportiva era pouco praticada e divulgada no país.

Era preciso fazer algo para colocar o futebol em prática, e assim fez o esportista, como relata Ribeiro.

Nas páginas dos principais jornais da capital paulista só havia espaço para notícias sobre críquete, turfe, remo e ciclismo. Muita coisa teria que ser feita para que o futebol se tornasse alvo de interesse dos jornalistas da época. Miller fez. Começou a organizar treinos entre os funcionários da empresa onde trabalhava, a São Paulo Railway, os da Companhia de Gás e os do London Bank. E foi em um desses treinos que, um dia, um surpreso jornalista descobriu o novo esporte. (2007, p.19).

O futebol, então, passou a ser praticado no final do século XIX por jovens ricos da sociedade paulistana e carioca, onde a classe menos favorecida não era bem vinda na prática dessa modalidade esportiva. Negros e operários só ganharam espaço quando foram decisivos para que os times dos brancos começassem a ganhar títulos. (GUTERMAN, 2010).

O futebol disputado em São Paulo era modelo para o Brasil. Posteriormente, ele se expandiu para o Rio de Janeiro e o restante do país. O primeiro livro sobre futebol, lançado por Mário Cardim, em 1904, foi preponderante para o conhecimento das regras da modalidade que já se tornava popular no Brasil.

A presença de jornalistas influentes da época como Antônio Casemiro da Costa, “Costinha”, e Mário Cardim, contribuiu para a primeira nota de publicações sobre o futebol na coluna “Sport,” do jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro. (RIBEIRO, 2007).

A história do Jornalismo esportivo no Brasil começa a partir de 1856. Ribeiro afirma que:

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com *O Atleta*, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *Sportsman*. Em 1891, surgiu em São Paulo *A plateia Esportiva* (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo. (2007, p. 26).

A partir do interesse das classes mais altas, dos jornalistas e escritores mais respeitados, foi que a imprensa começou a evidenciar o esporte, principalmente, o futebol. Somente nos anos, 1930 que o esporte passa a ser destaque na imprensa brasileira:

Somente no início dos anos 30, com Mário Filho, é que o jornalismo esportivo ganha espaço na imprensa brasileira. Mesmo trabalhando no jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, a partir de 1931, como jornalista esportivo, Mário Filho funda o primeiro cotidiano brasileiro especializado em esportes “O Mundo Esportivo”. (MALULY, 1999, p. 26).

Mas foi na década de 1960 que o Brasil consolidou a afirmação das publicações esportivas, com o grande jornal da época (Caderno de Esportes) incluindo reportagens voltadas para o esporte, (COELHO, 2003).

4.4 O Futebol pelo Rádio

O rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras, etc) levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação. E coube a Nicolau Tuma o pioneirismo das transmissões do futebol no Brasil, pelas ondas da rádio Educadora Paulista (Seleção de São Paulo x Seleção do Paraná), em 1931.

Se no início do século XX Charles Miller batalhou para que as notícias do futebol fossem divulgadas pelos jornais paulistanos, Nicolau Tuma, um jovem estudante de Direito, de apenas vinte anos, foi quem convenceu seus patrões da Rádio Educadora Paulista a transmitir na íntegra, pela primeira vez na história do rádio, uma partida de futebol. O jogo escolhido para a transmissão foi entre as equipes de São Paulo x Paraná, válido pelo Campeonato Brasileiro de 1931. (RIBEIRO, 2007, p. 75).

Tuma foi apelidado de “Metralhadora”, pois seu objetivo era passar a energia e a vivacidade de uma partida de futebol para o ouvinte que acompanhava as transmissões.

Nicolau Tuma pede ao ouvinte para tentar pensar num retângulo na sua frente ou então pegar uma caixa de fósforos e visualizar o campo, onde vai começar a partida entre as duas seleções. ‘Do lado direito estão os paulistas e, do lado esquerdo, estão os paranaenses. (SOARES, 94, pág.30).

O fator principal para o rádio evoluir tecnicamente foi a primeira transmissão esportiva brasileira em uma copa do mundo, como relata Betim (apud RANGEL; GUERRA, 2012, p. 11), “[...] foi a partir de 1938, na Copa da França, na primeira transmissão esportiva brasileira realizada no exterior, que o rádio passa realmente a evoluir tecnicamente”.

A missão do narrador não é das mais simples, ele tem de narrar o lance de modo que o ouvinte imagine a cena, mais próximo do real. E para isso é preciso criar artifícios dos mais variados para prender a atenção do torcedor; é ir mais do que além, é narrar cada lance milimetricamente correto, construir o imaginário e provocar, por meio da voz, a mesma sensação de quem está na arquibancada assistindo ao jogo presencialmente. Desafios que segundo Baum (2004, p. 10), contribuíram para transformar a narração num espetáculo visual.

Muitos profissionais do microfone contribuíram para transformar a narração das partidas de futebol num espetáculo visual. O rádio brasileiro passou a viver e conviver com nomes que fazem parte da história da comunicação em nosso país e que trouxeram formas de narrar um jogo, sempre com um detalhe que caracterizava o locutor e, às vezes, a partida em si.

Nomes como Nicolau Tuma, Gagliano Neto, Geraldo José de Almeida, Fiori Gigliotti, Pedro Luís, Rebello Júnior, Edson Leite, Aurélio Campos, Renato Macedo, Ary Silva, Blota Júnior e Murilo Antunes Alves merecem destaque no mundo rádio. Assim, como eles, Jorge Curi, Valdir Amaral, César Rizzo, José Carlos Araújo, Edson Mauro, Osmar, além de muitos outros, contribuíram para a evolução da narração esportiva.

4.5 O Rádio Esportivo na Paraíba.

Não diferente dos outros estados do país, as transmissões de futebol pelo rádio também se destacam na Paraíba, com bem menos estrutura das rádios do sudeste do país, é bem verdade, porém, com a mesma capacidade de gerar no torcedor ouvinte a emoção de cada grito de gol. Profissionais seguem o dia a dia e os jogos das equipes do futebol paraibano dando destaque para os clubes maiores como o Botafogo, o Treze e o Campinense, times detentores das maiores torcidas e do maior número de títulos no cenário do futebol paraibano.

No sertão da Paraíba, contudo, os destaques são para Sousa e Cajazeiras, onde as cidades são historicamente rivais em termos de geopolítica, educação, economia, cultura, entre outros aspectos. No futebol, evidentemente, não seria diferente. Sousa Esporte Clube, Clube Atlético Cajazeirense e Paraíba Sport Clube, são, respectivamente, as equipes de futebol representantes das duas cidades do

sertão da Paraíba. Sousa x Atlético, em particular, formam juntos, a maior rivalidade do futebol daquela região do estado.

Em se tratando da crônica esportiva, a Paraíba apresenta nomes de destaque do litoral ao sertão, a exemplo de Bento Soares, cronista, que começou a sua carreira na Paraíba, pelas ondas das rádios cajazeirenses.

Começou sua carreira no rádio ainda no Ceará, na Rádio Iracema, em Juazeiro do Norte. Na Paraíba, na Rádio Alto Piranhas e na Rádio Oeste da Paraíba, ambas em Cajazeiras, além das rádios Sanhauá e Tabajara, estas duas últimas em João Pessoa. (PRATA; SANTOS, 2012, p. 147).

Em Campina Grande, Joselito Lucena, por exemplo, fez história; ele narrou a primeira partida transmitida no Estádio Ernani Sátiro, “O Amigão”, de Campina Grande, em 1975. Narrou jogos na Paraíba, no Brasil e no exterior, mas nunca narrou jogos de Copa do Mundo. (PRATA; SANTOS, 2012).

No sertão do estado há também nomes de destaque, a começar por Patos. Virgílio Trindade, foi um importante cronista esportivo que atuou nas principais rádios da cidade (Itatiunga – FM e Espinharas –AM) até 2009, ano de seu falecimento. Além de Dedé Santana, também já falecido, em 2012. Foram profissionais que atuaram por mais de 30 anos e fizeram história na crônica esportiva patoense.

Em Sousa e Cajazeiras, narradores como Francisco Alves “Tatico” da (Rádio Difusora – Cajazeiras), Arnaldo Lima (Rádio Alto Piranhas AM – Cajazeiras), Wellington Ferreira (Rádio Progresso – AM – Sousa), Buga da Silva (Rádio Jornal – AM – Sousa) e Eugênio Rodrigues, são os profissionais de destaque que atuam na atual crônica esportiva das duas cidades.

4.6 O Futebol na Televisão Brasileira

A chegada da televisão no Brasil está ligada ao surgimento do futebol nesse meio de comunicação. No início dos anos de 1950, marcado pela derrota brasileira para os uruguaios por 2 a 1, no Maracanã, na primeira Copa do Mundo disputada no Brasil, o jornalista Assis Chateaubriand inaugurava, em São Paulo, a TV Tupi.

Chateaubriand recorre às palavras do presidente norte-americano com a mesma determinação com que se utiliza de uma frase de Bismarck (“A preocupação das coisas das coisas de fora deve predominar”), pois em

ambas encontra ressonância para sua postura de empresário dinâmico, que confia na entrada de seu país no circuito das inovações técnicas, a despeito do comodismo que percebe nas “discussões estéreis e pueris” que jamais sacodem a alma dos brasileiros. Imbuído de missão dessa natureza, com tarefa tão grandiosa pela frente, Chateaubriand invoca seus personagens históricos prediletos, em busca de inspiração. Ao final de sua fala, em seguida aos agradecimentos de praxe e de obsequiar ao público com um relatório detalhado e didático sobre a trajetória de viabilização de seu projeto, ele encerra, aludindo à esperança de que as imagens da Tupi iluminem o povo do Brasil. Estava inaugurada oficialmente – em 18 de setembro de 1950 – a televisão no Brasil. Estava no ar a PFR-3, TV Tupi – Difusora, Canal 3. A primeira emissora da América do Sul. (KEHL; COSTA; SIMÕES, 1986. p.14).

Na mesma data da inauguração da TV Tupi, Aurélio Campos, locutor e diretor de esportes, foi pioneiro no programa de jornalismo esportivo na televisão brasileira, o “Vídeo Esportivo”.

Uma maquete de um estádio prenunciava as transmissões futebolísticas e enquanto Aurélio Campos falava sobre as emoções possíveis desse espetáculo na TV, eram intercaladas imagens de Baltazar (ídolo goleador da época), que apareceu de costas e foi se voltando lentamente, para a focalização de frente [...] (FEDERICO, 1982, p.83).

Segundo Willian (2002), a TV Tupi passou a transmitir jogos de futebol realizados em São Paulo e cidades próximas. Mas foi em 1º de julho de 1956 que a televisão transmitiu uma partida interestadual. A TV Record e a TV Rio mostraram, ao vivo, imagens do amistoso entre Brasil e Itália, no Maracanã. “Essa proeza da Record impulsionou definitivamente a venda de televisores. A população começou a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que ainda eram novidade” (WILLIAN, apud SAVEHAGO 2011, p. 25).

A partir da década de 1980, as emissoras de TV começaram a investir nas coberturas das transmissões da Copa do Mundo e no final da mesma década, a TV Bandeirantes investiu na transmissão de campeonatos internacionais ao assegurar os direitos de exibição dos campeonatos espanhol e italiano.

No futebol brasileiro, a TV Globo é detentora dos direitos de transmissão das principais competições estaduais, regionais e nacionais. No ano de 2007 foi fundada a TV Esporte Interativo, empresa brasileira de programação dedicada à produção de conteúdo esportivo multiplataforma. A emissora transmite, em sinal fechado, competições internacionais estaduais e regionais de futebol.

4.7 O Futebol na Televisão Paraibana

A história da chegada da televisão no principais estados do Brasil aconteceu nas capitais estaduais, porém, na Paraíba, a chegada da televisão ocorre na cidade de Campina Grande. Ainda na década de 1960, os telespectadores de João Pessoa passaram a captar as imagens das emissoras de Recife, a TV Jornal do Comercio canal 2 (VHF) e a extinta TV Rádio Clube de Pernambuco canal 6 (VHF), respectivamente.

No estado ainda não existiam emissoras de televisão local. A partir de 1966, Campina Grande passou a operar em caráter experimental a TV Borborema, três anos mais tarde, em 14 de março, Assis Chateaubriand implanta o sinal da emissora para Campina Grande e região através do canal 9 (VHF).

No futebol, o pioneirismo da transmissão de uma partida de futebol também foi da TV Borborema, quando a emissora transmitiu, apenas para Campina Grande, a partida entre Treze e Campinense. Em 07 de agosto de 1988, A TV Paraíba realizou, direto do Estádio Amigão, a primeira transmissão ao vivo de uma partida realizada na cidade de Campina Grande para outra cidade, João Pessoa, a capital do Estado (ARAÚJO, 2013).

O jogo transmitido naquele ano foi válido pela primeira partida da decisão do campeonato paraibano de futebol, envolvendo as equipes de Treze e Botafogo. A transmissão contou com a narração de Roberto Hugo, comentários de Clélio Soares e reportagens de José Vieira Neto.

As emissoras de televisão paraibanas tem pouca tradição nas transmissões do futebol local. Apenas nas edições de 1999 e 2000 do campeonato paraibano que a TV correio transmitiu algumas partidas. Mas só a partir de 2007 foi que o campeonato paraibano passou a ser transmitido para todo o estado pela TV Correio; as transmissões ocorreram durante quatro temporadas, ou seja, de 2007 à 2010.

Nas últimas três edições, nenhuma emissora de TV aberta da Paraíba transmite o campeonato estadual. Porém, nas últimas três edições, o Canal Esporte Interativo – emissora de TV nacional multimídia, além da TV Diário do Sertão – Emissora de TV local na plataforma online, transmitem o campeonato paraibano de futebol. Contudo, essa última, transmite apenas os jogos envolvendo as equipes de futebol do sertão paraibano.

5. PROCEDIMENTOS REALIZADOS

5.1 Pré-Produção

Inicialmente, estabelecemos pautas pré-definidas para que fossem coletados depoimentos necessário para a produção do documentário. Definidas as pautas, veio o momento de entrar em contato com os personagens para que fossem gravados os primeiros depoimentos. Quanto aos contatos não tivemos dificuldades, em virtude de conhece-los por também atuar na crônica esportiva da Paraíba.

De acordo com as pautas, os profissionais teriam de responder a questões referentes ao cotidiano de atuação, bem como os desafios de conquistar a fidelidade dos torcedores a partir da construção do imaginário da partida de futebol.

Em seguida fizemos uma pesquisa exploratória para aprofundar nossos conhecimentos sobre a trajetória dos profissionais que seriam entrevistados. Foram escolhidos dez profissionais que atuam no jornalismo esportivo das cidades de Sousa e Cajazeiras. Os profissionais foram escolhidos pelo reconhecimento na qualidade de suas respectivas funções.

Quanto, as filmagens, conseguimos com antecedência todos os equipamentos necessários para a coleta de imagens. Feito os procedimentos, partimos para a fase de produção do documentário.

5.2 Produção

No primeiro momento, as gravações foram realizadas em Cajazeiras. Lá, acompanhamos a saída do narrador Francisco Alves “Tatico”, dos estúdios da Rádio Difusora – AM, até a sua chegada ao Estádio Perpetão. Foram colhidas imagens da atuação do profissional no estádio, além de imagens da partida e imagens, no plano americano de torcedores nas arquibancadas ouvindo o jogo pelo rádio. Todas as imagens foram colhidas para o preenchimento dos interesses pré-determinados na pauta.

A coleta dos depoimentos ocorreu primeiramente na cidade de Sousa. Nos estúdios das Rádios Líder – FM e Progresso – AM, entrevistamos os narradores Eugênio Rodrigues e Wellington Ferreira. Os questionamentos abordavam questões relacionadas à influência da TV para a preferência dos torcedores por times da

região sudeste do país, sobre a construção de suas respectivas trajetórias profissionais e sobre os métodos utilizados para a concorrência na cobertura das transmissões nos jogos do futebol local.

Em seguida, foi dada a sequência das gravações na cidade de Cajazeiras. Inicialmente, gravamos com Reudesman Lopes, comentarista da Rádio Alto Piranhas AM; o profissional respondeu a perguntas referentes ao interesse da pauta, que abordou questionamentos sobre a força do futebol no sertão, a chegada da televisão nas transmissões do futebol no sertão, sobre a força do rádio na região e sobre a ameaça do reinado do rádio nas transmissões do futebol local.

Ainda em Cajazeiras, entrevistamos Petson Santos, diretor executivo da TV Diário do Sertão; as indagações feitas serviram para preencher os questionamentos sobre o interesse da emissora em transmitir jogos envolvendo equipes do sertão, sobre a dinâmica das transmissões pela TV, sobre a concorrência do rádio e sobre a TV como ferramenta de divulgação das equipes de futebol local.

Novamente em Sousa, gravamos a atuação dos profissionais daquela cidade, toda a coleta ocorreu no Estádio o Marizão, onde gravamos detalhes da partida envolvendo Sousa x Treze. Na cabine da Rádio Líder –FM, colhemos imagens, em plano fechado, do narrador Eugênio Rodrigues para usá-las como apoio na edição do documentário. No estádio colhemos imagens de torcedores ouvindo o jogo, bem como depoimentos que abordavam a fidelidade do ouvinte com as rádios locais.

Os últimos depoimentos colhidos em Sousa foram com os repórteres Ivonísio Inácio, Rádio Líder – FM, Adelmo Vieira, Rádio Líder - FM e com João Hélio, comentarista da Rádio 104 FM. Os personagens responderam a questionamentos sobre a função de cada respectiva profissão, sobre as suas trajetórias profissionais, sobre a concorrência do rádio com a televisão e sobre o uso da força do rádio para a divulgação e o fortalecimento do futebol local.

Por fim, a gravação dos depoimentos foi finalizada em Cajazeiras com o narrador da Rádio Difusora – AM, Francisco Alves “Tatico”. No depoimento o profissional falou sobre a importância de estar atento a cada detalhe do antes, durante e depois da partida, sobre os métodos utilizados para disputar a concorrência com a Televisão e sobre a satisfação de trabalhar com o jornalismo esportivo.

Para complementar a qualidade dos depoimentos, o jornalista Edônio Alves gravou, na cidade de Natal, entrevista com Xico Sá. O jornalista e escritor falou

sobre o uso do rádio e da televisão para o fortalecimento do futebol no interior do Nordeste, sobre a disputa pela a concorrência nas duas mídias, e por fim, falou sobre a força do futebol no rádio.

5.3 Pós-produção

Concluídas as gravações, decupamos todos os depoimentos colhidos e elaboramos um roteiro para ser seguido durante a edição. Por intermédio do cinegrafista Thiago Marques conseguimos auxílio de Alfredo Amaral, editor de vídeos do DECOM – Departamento de Comunicação da UFPB.

Durante dois dias da semana, nos reuníamos no DECOM para a edição do material e após 15 dias de edição o material foi editado e, posteriormente, entregue ao orientador do projeto para avaliação e finalização.

Mediante a aprovação do orientador, o vídeo foi finalizado. Dessa forma, confeccionamos a arte da cópia do DVD e fizemos a gravação de dez cópias. Após todas as etapas concluídas, finalizamos o relatório final, que foi entregue junto ao documentário na coordenação do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

6 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MAR/2016	ABR/2016	MAI/2016	JUN/2016
Coleta de Dados	XXXXXXXX	XXXXXXXX		
Elaboração do Relatório		XXXXXXXX	XXXXXXXX	
Gravação do Depoimentos			XXXXXXXX	
Elaboração do Roteiro		XXXXXXXX		
Edição das Imagens			XXXXXXXX	
Edição e Finalização			XXXXXXXX	XXXXXXXX
Entrega do Material				XXXXXXXX

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir este documentário em todas as suas etapas nos possibilitou a oportunidade de adquirir novas experiências, sobretudo, no conhecimento e aprofundamento da história, produção e desafios da crônica esportiva, além de contribuir para a divulgação dos profissionais que atuam no jornalismo esportivo no sertão da Paraíba.

A produção também nos proporcionou a oportunidade de colocar em prática o conhecimento teórico adquirido durante os quatro anos de graduação no curso de jornalismo pela UFPB. Este trabalho concluiu, por exemplo, que a fidelidade do ouvinte com o rádio depende muito da qualidade da equipe esportiva das emissoras.

É necessário que o narrador tenha a capacidade de conquistar a audiência do ouvinte através da descrição informativa de tudo que se passa antes, durante e depois da partida de futebol. Dessa forma, o rádio ganha mais adeptos e garante a compreensão e a audiência do ouvinte.

Em se tratando da concorrência com a televisão, nota-se que o rádio ainda é o maior veículo de comunicação daquela região. Já a televisão influencia diretamente no torcedor pela preferência dos times do Sudeste do país, muito em função da falta de calendário no segundo semestre de cada ano, e a falta de planejamento das equipes na formação de um time competitivo no futebol local.

Portanto, os desafios da concorrência do rádio com a televisão, no sertão da Paraíba, não é uma simples tarefa. Ela torna-se um questão cultural, em virtude da exposição na grande mídia das equipes detentoras das maiores torcidas do país, Flamengo e Corinthians, respectivamente.

No que se refere à qualidade do nosso trabalho, achamos que ele deixou a desejar na captação de algumas imagens, pois foram utilizadas três tipos de câmeras. A gravação do depoimento com o jornalista Xico Sá, por exemplo, foi gravado sem o uso do microfone de lapela; a captação dos demais áudios ficou com boa qualidade, à exceção da sonora com o torcedor Robson Lira, a qualidade ficou comprometida em virtude da falha de conexão numa das câmeras que era incompatível com o uso do microfone utilizado.

Por fim, fica o sentimento de satisfação pelo pioneirismo da produção audiovisual do tema no sertão paraibano, contribuindo para o registro da atuação

dos profissionais da crônica esportiva paraibana, em especial, os profissionais daquela região, e principalmente, por podermos exercer o papel de graduado em jornalismo, ao debater as questões relacionadas a um assunto que ainda é pouco discutido no meio acadêmico, a crônica esportiva no sertão da Paraíba.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lara Santos; FALCONE, Fernando Trevas. **Cinema e Memória na Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 2013.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COSTA; SIMÕES; KEHL. **Um País no Ar**: história da tv brasileira em 3 canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DIAS, Emerson; LIMA, Carlos Guilherme. **Da emoção à descrição**: A história da narração esportiva no rádio. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Da%20emocao%20a%20descricao%202013%20a%20historia%20da%20narracao%20esportiva%20no%20radio.pdf/view> Acesso em: 31/05/2016.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação**: rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Guia do Trabalho Científico**. São Paulo: Contexto, 2011.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=1s1nAwAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=en&pg=GBS.PT2> . Acesso em: 29/05/2016

HOLANDA, Karla. **Documentário nordestino**: mapeamento, história e análise. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=rodmYykb824C&pg=PA133&lpg=PA133&dq=document%C3%A1rio+na+para%C3%ADba+livro&source=bl&ots=_mp7BpG752&sig=HTS6XjvxtTB79S3WTFcztPHqIQo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiV18-q0YDNAhXLPiYKHRN6D-kQ6AEIPzAG#v=onepage&q=document%C3%A1rio%20na%20para%C3%ADba%20livro&f=false Acesso em: 26/05/2016.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba/Cinema da Paraíba**. João Pessoa, 2007. Livro-álbum em dois volumes)

LUCENA, Luis Carlos. **Como Fazer Documentários**: conceito, linguagem e prática de produção, São Paulo: Summus, 2012.

MALULY, L.V.B. **O Futebol Arte de Telê Santana no Jornalismo Esportivo de Armando Nogueira**. XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM). Rio de Janeiro, 1999.

Memória: A Transmissão Histórica da TV Paraíba no ano de 1988. Disponível em: http://cgretalhos.blogspot.com.br/2013/05/memoria-transmissao-historica-da-tv.html#.V1dfr_krLIW Acesso em: 07/06/2016

NASCIMENTO, Edônio Alves. **A Esfera Como Metáfora**: representações do futebol no campo da literatura. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia. **Enciclopédia do rádio Esportivo Brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012.

RANGEL, Patrícia; GUERRA, Márcio. **O Rádio e as Copas do Mundo**. Juiz de Fora: Juizforana, 2012

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro nome, 2007.

SAVEHAGO, Igor José Siquieri. **Futebol na TV**: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo, 2011. Disponível em:

http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/092812_Savehago_-_Futebol_na_TV.pdf Acesso em: 06 de junho de 2016.

SOARES, Edileuza. **A bola no Ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

Série de reportagens "História da Televisão na Paraíba": Década de 1960.

Disponível em:

<http://www.televisaonaparaiba.com/search/label/Hist%C3%B3ria%20da%20Televis%C3%A3o%20na%20Para%C3%ADba> acesso em: 07/06/2016

ANEXOS

Anexo A: Trilha Sonora**Título:** Um a Zero**Interprete:** Arranco de Varsóvia**Álbum:** Na Cadência do Samba**Gravadora:** Irmãos Vitale

Anexo B: Filmes



Título: Gol do Atlético

Distribuição: TV Diário do Sertão

Direção: Petson Santos



Título: Paraíba x Botafogo

Distribuição: TV Diário do Sertão

Direção: Petson Santos



Título: Gol do Paraíba

Distribuição: TV Diário do Sertão

Direção: Petson Santos



Título: Gol do Treze

Distribuição: TV Itaraé



Título: Gol do Barcelona

Distribuição: TV Globo



Título: Gol do Atlético


Distribuição: TV Diário do Sertão

Direção: Petson Santos

APÊNDICES





PLANO DE EDIÇÃO: Roteiro decupado após edição do vídeo

Áudio	Vídeo
<p align="center">Slide de Abertura: POR TRÁS DO GOL: A CONCORRÊNCIA ENTRE RÁDIO E TV NO FUTEBOL DO SERTÃO PARAIBANO</p>	
<p>“A emoção de narrar um gol... É a mesma emoção que uma mãe tem, Quando vai ter um filho”.</p>	<p>Slide com a narrativa</p> 
<p>“Vamos armar a jogada...”</p>	<p>Torcedor na arquibancada</p> 
<p>Entra o áudio da música “Um a Zero” – Arranco de Varsovia.</p>	<p>Vídeo: Lance do jogo entre Sousa x Treze</p> 
<p>“Aê, volta. Vamos fazer...”</p>	<p>Vídeo: Torcedor na arquibancada</p>

	
<p>“Ele meteu bola aqui com Robertinho, vai chover na entrada da grande área...</p> <p>... Golaçooo. Golão, golão, golão, golão...”</p>	<p>Slide com o título do documentário</p> 
<p>“O rádio é importante para o futebol, acho que no mundo todo...</p> <p>... é o grande veículo do interior do Brasil, é o grande veículo das cidades pequenas, a começar desde aquelas difusoras das praças até essas que cobrem o futebol hoje em dia”.</p>	<p>Xico Sá – Jornalista e escritor</p> 
<p>“Sousa e Cajazeiras possuem times de futebol disputando a primeira divisão...</p> <p>... recebem o maior número de informações através do rádio”.</p>	<p>Chiquinho Cicupira – Comentarista/TV Diário do Sertão.</p> 
<p>“Você torcedor se ligando na melhor frequência...</p> <p>... na sua Líder FM, a rádio que faz sucesso.”</p>	<p>Narrador na cabine do estádio.</p>

	
<p>“São doze anos atuando na área esportiva...</p> <p>... isso não impede que a gente faça um trabalho digno, um trabalho capaz de levar qualidade, levar profissionalismo para o nosso ouvinte, para o nosso torcedor.”</p>	<p>Eugênio Rodrigues – Narrador/ Rádio Líder FM</p> 
<p>Som ambiente do estádio de futebol</p>	<p>Torcedores na arquibancada ouvindo o jogo pelo rádio</p> 
<p>“Na cobrança Negro, o garotão, que sabe de cabeça agora...”</p>	<p>Narrador transmitindo um lance direto da cabine do estádio</p> 
<p>“Você vai narrar o jogo de futebol e não determina onde a bola está...”</p>	<p>Francisco Alves “Tatico” – Narrador/Rádio Difusora AM</p>

<p>... você quer saber o local determinado onde está a bola.”</p>	
<p>Som de transmissão da partida pela rádio Progresso - AM</p>	<p>Torcedor na arquibancada do estádio</p> 
<p>“O Manú reclama... ... um minuto e cinquenta de bola rolando aqui no Marizão.”</p>	<p>Narrador na cabine de transmissão</p> 
<p>“A minha Trajetória no rádio na verdade ela começou em 1996... ... Eu narrava dois jogos na semana, à noite, e só em 2008 eu assumi a titularidade da narração aqui na Progresso.”</p>	<p>Wellington Ferreira – Narrador/Rádio Progresso AM</p> 
<p>“Sousa já definido. Ricardo com a camisa número um.. ... a equipe do técnico Jorge Luís.”</p>	<p>Repórter no gramado do estádio</p>

	
<p>“A função do repórter é chegar em campo... ... e está atento a qualquer fato que acontecer durante e partida.”</p>	<p>Ivonísio Inácio – Repórter/Rádio Líder FM</p> 
<p>“Ainda o Treze. Deixou o baixinho Rosival com ela, arredondou pela esquerda. Bateu, pra fora, a direita do goleiro Ricardo”.</p>	<p>Torcedor na arquibancada ouvindo o jogo ao som da Rádio Progresso</p> 
<p>Ricardo fez a pose... ... placar de zero a zero. Tudo em nome de WJ Distribuidora de água mineral, Walter e João Vitor, por trás do Banco do Brasil.”</p>	<p>Repórter passando detalhe do lance para o narrador</p> 
<p>“A satisfação de trabalhar no rádio é gratificante...”</p>	<p>Adelmo Vieira – Repórter/Rádio Progresso AM</p>

<p>... ser radialista, repórter esportivo, porque é a única coisa hoje que eu sei fazer.”</p>	
<p>“Como está jogando a sua meia canja... Isso tem prejudicado demais a equipe do Sousa”.</p>	<p>Comentarista analisando a partida direto da cabine de transmissão</p> 
<p>“O comentarista ele tem que ter a percepção, o zelo e o cuidado de fazer tudo pela razão... ... o torcedor vai no jogo seguinte e diz que o comentarista está mentindo.”</p>	<p>João Hélio – Comentarista/Rádio Sousa 104 FM</p> 
<p>“O comentarista tem que ser uma cara muito preparado... ... eu sei quem é que está me escutando, então tenho que levar aquilo que é o correto, que é o lógico.”</p>	<p>Reudesman Lopes – Comentarista/Rádio Alto Piranhas AM</p> 

<p>Sobe a música “Um a Zero” – Arranco de Varsovia</p>	<p>Intercaladas do narrador chegando a cabine de transmissão</p> 
<p>“É essa a dificuldade que a gente encontra no rádio hoje... ...tem chegar cedo, o jogo começa às 16 horas mas é preciso chegar com duas horas de antecedência e está pronto para narrar os noventa minutos de partida.”</p>	<p>Francisco Alves “Tatico” – Narrador/Rádio Difusora AM</p> 
<p>Entra áudio de tempo e placar</p>	<p>Slide com animação</p> 
<p>“Cleitinho, França, na grande vai fazer. É gol... ... Ai eu digo que valeu. Que jogada, que jogada.”</p>	<p>Gol do Atlético de Cajazeiras</p> 
<p>“Recentemente tem chegado a mídia</p>	<p>Chiquinho Cicupira – Comentarista/TV</p>

<p>da TV através da WEB, não é uma TV comercial, não tem a capacidade de competir com grandes empresas da televisão de outras regiões...</p> <p>...essas equipes de TV WEB elas já levam o futebol da região a grandes distancias.”</p>	<p>Diário do Sertão</p> 
<p>“Um coisa legal ai é que o nordestino tá lá em São Paulo...</p> <p>...E tem uns malucos que curtem futebol no mundo inteiro e tem a oportunidade de ver o futebol em outra realidade totalmente diferente.”</p>	<p>Xico Sá – Jornalista e Escritor</p> 
<p>“Levantou a bola na área. Tira de qualquer maneira a zaga do bota...</p> <p>... Preferiu fazer o levantamento. Bateu na trave”.</p>	<p>Lance Paraíba x Botafogo – PB</p> 
<p>“O interesse da TV Diário do Sertão pelas transmissões dos jogos e programação completa do dia...</p> <p>...depois veio TV Esporte Interativo que vez por outra está aqui em Cajazeiras e em Sousa, ou seja, abriram-se portas.”</p>	<p>Petson Santos – Dir. Adm. TV Diário do Sertão</p> 
<p>“Tem um ponto que me caracteriza como fundamental...</p>	<p>Reudesman Lopes – Comentarista/Rádio Alto Piranhas</p>

<p>... Você via falar no Sousa, no Atlético. Uma coisa é você ouvir falar pelo rádio, outra coisa é você ver pela TV.”</p>	
<p>“Pode trabalhar com Regineldo. Preferiu trabalhar com Danilo... ... pra fazer, pra fazer. Enxeu Dico, bateu. Defendeu o goleiro.”</p>	<p>Intercaladas do torcedor com o lance de perigo</p> 
<p>“É da natureza do rádio ser áudio, é da natureza da Tv ser imagem, então, são duas coisas diferentes, TV é TV rádio é rádio... ... o Esporte Interativo play que você pode alcançar no estádio, aquilo que está passando na TV”.</p>	<p>Wellington Ferreira – Narrador/Rádio Progresso AM</p> 
<p>“Vem pela esquerda. Invadiu a grande área... ... França é nome da emoção no Perpetão.”</p>	<p>Gol do Paraíba</p> 
<p>“Quem faz o trabalho tem que gostar</p>	<p>Chiquinho Cicupira – Comentarista/TV</p>

<p>dos dois tipos de trabalho, tanto o que é executado no rádio como na TV...</p> <p>... não existe nenhuma dúvida que a TV é mais cativante.”</p>	<p>Diário do Sertão</p> 
<p>“Pra Toninho, o lateral avança. Lançado no ataque da equipe do Treze. Olha a falha, vai fazer...</p> <p>... Gol, do Treze.”</p>	<p>Gol do Treze</p> 
<p>“Num lançamento do jogador Toninho, o zagueiro Regineldo ficou olhando o tempo e esqueceu de marca a bola...</p> <p>... olho vivo, Adeildo Fernandes.”</p>	<p>Narração do gol Treze</p> 
<p>“A chegada das transmissões de TV e também dos sites que transmite ao vivo não ameaçam as transmissões no rádio...</p> <p>... coisa pessoal entre o rádio e o ouvinte.”</p>	<p>Eugênio Rodrigues – Narrador/Rádio Líder FM</p> 
<p>“Vem o Barça de nove, Messi pelo</p>	<p>Gol do Barcelona</p>

<p>meio. Carregou...</p> <p>... junto com o Cristiano Ronaldo.”</p>	
<p>“A grande mídia televisiva nos traz o futebol internacional e nacional...</p> <p>... a televisão muitas vezes não consegue alcançar o que o rádio alcança.”</p>	<p>João Hélio – Comentarista/Rádio Sousa 104 FM</p> 
<p>Vem Andrezinho; onze do segundo tempo...</p> <p>... Riscos. Olha o gol, olha o gol.”</p>	<p>Intercaladas com o gol do Vasco</p> 
<p>“O rádio foi responsável pela maior paixão do nordestino aos times do Rio de Janeiro...</p> <p>... passaram a torcer pelo São Paulo, pelo Corinthians, pelo Palmeiras.”</p>	<p>Chiquinho Cicupira – Comentarista/TV Diário do Sertão</p> 
<p>“Toda aquela geração de meninos que nasceram nos anos setenta,</p>	<p>Xico Sá – Jornalista e Escritor</p>

<p>oitentam e começaram a ver futebol são flamenguistas, botafoguenses...</p> <p>... infinitamente, mais torcedores com opções de primeiro time aqui no Nordeste.”</p>	
<p>“Para se ter uma ideia, aqui na cidade de Sousa temos três torcidas organizadas, uma do Vasco, uma do Flamengo e uma do Corinthians, mas não temos nenhuma sede propriamente dita do Sousa Esporte Clube...</p> <p>... para existir uma fidelização do torcedor para com o time local.”</p>	<p>Eugênio Rodrigues – Narrador/Rádio Líder FM</p> 
<p>Entra áudio de tempo e placar</p>	<p>Slide com animação</p> 
<p>“A emoção do futebol, a paixão do torcedor pelo seu clube e a emoção que o narrador passa pelas ondas do rádio...</p> <p>... um companheiro naquela caminhada com seu clube de coração”.</p>	<p>Wellington Ferreira – Narrador/Rádio Progresso AM</p> 

“A bola é cortada, vem brigar, insisti de cabeça...

... marca falta para o vizinho que perde por dois a um.”

Torcedor ouvindo o jogo na arquibancada



“Sou ouvinte fiel ao rádio porquê...

... diretamente com nosso time né. Tanto de nossa cidade como do nosso estado.”

Robson Lira – Torcedor



“Dico pro fundo do gol...

... abre os braços, o torcedor faz a festa.”

Torcedor comemorando gol do Sousa






“O rádio, continuo dizendo. É um jargão que José Carlos Araújo dizia...


... Nós aqui vemos o jogo ouvindo as emissoras de rádios.”

Adriano Batista – Torcedor



<p>“É possível sim fidelizar o torcedor... ... pois quem está à frente faz por paixão, por amor e não apenas pela questão financeira.”</p>	<p>Eugênio Rodrigues – Narrador/Rádio Líder FM</p> 
<p>Entra áudio de tempo e placar</p>	<p>Slide com animação</p> 
<p>“Um abraço desse amigo de vocês, F Alves tático... ... Digo sempre: Deus comigo, Deus com vocês. Boa noite irmão dos Brasil”.</p>	<p>Narrador encerrando jornada esportiva</p> 
<p>“Você ouvir um jogo no rádio, eu acho que aquilo... ... se a bola passou perto ou longe. As narrações de futebol pelo rádio eu acho que ficam no juízo”.</p>	<p>Xico Sá – Jornalista e Escritor</p>

	
<p>“As transmissões de Tv nunca vão ameaçar o rádio...”</p> <p>... creio que o rádio em toda a sua essência, num Brasil como um todo ele ainda é muito forte e a TV nunca vai tirar esse espaço.”</p>	<p>Petson Santos – Dir. Admin. TV Diário do Sertão</p> 
<p>“A emoção de narrar um gol, é a mesma emoção...”</p> <p>... a emoção que o torcedor grita na arquibancada e pula. É a emoção que a gente tem na cabine.”</p>	<p>Francisco Alves “Tatico” – Narrador/Rádio Difusora AM. Intercalas do gol do Atlético de Cajazeiras</p> 
<p>Sobe o áudio da música “Um a Zero” – Arranco de Varsóvia</p>	<p>Intercaladas com torcedores com rádio no ouvido</p>

	
<p>Continua o áudio da música “Um a Zero” – Arranco de Varsóvia</p>	<p>Sobe os créditos finais do documentário.</p> 